

## 4. A representação dos espaços

Existem várias formas de representar os espaços e delimitá-los. Por representação e limite entendemos a constituição das fronteiras simbólicas que distinguem entre si os vários espaços. O ambiente pode ser construído com paredes, teto e piso, que marcam de maneira bem clara seus limites físicos, ou ter seu espaço demarcado por objetos que o representem. Neste último caso estamos tratando de espaços simbólicos, ainda que os algarismos e adjetivos que empregamos para sua mensuração física também sejam arbitrários e, portanto, simbólicos. No caso dos botequins, a sua arquitetura, a localização, os materiais que os revestem e toda gama de objetos pertencentes ao imaginário de quem o frequenta – são os fatores que lhes darão identidade. Cria-se assim um valor simbólico, oferecido aos objetos usados, independentemente da localização destes – podem estar em um bar propriamente dito, em uma sala de estar, podem ser de botequim ou não. Tais objetos constituirão, desta forma, referências constantes ao espaço do botequim.

Ainda que para representação de um espaço não seja necessária a demarcação concreta deste, não se pode ignorar o ambiente construído e sua importância. Por vezes o espaço, através das suas paredes, demarca territórios que podem ser políticos ou de recreação. Neste caso a ambientação constitui o fator preponderante, será ela que vai ditar as regras do local, quem vai frequentá-lo, e quais as atividades que ali serão realizadas.

Embora a noção de território possa passar pela ideia de propriedade, não será só por este caminho que delinearemos nossas observações. A noção será de união, ou seja, um local em que os agentes sociais se juntem através de práticas sociais, e através desta prática delimitem um espaço de convivência, mesmo que desprovido de materialidade. Os próprios atos definirão a função do ambiente.

## 4.1 O ambiente construído enquanto território

[...] uma cidade é construída por diferentes tipos de homens; pessoas iguais não podem fazê-la existir.

Aristóteles<sup>46</sup>

O corpo possui artérias e veias, assim como as cidades. Foi Willian Harvey<sup>47</sup> quem iniciou as descobertas sobre como circulava o sangue no corpo humano, em sua obra *De motu cordis*, em 1628. Contudo foi Adam Smith<sup>48</sup> quem relacionou esta descoberta com o capitalismo moderno e a transformação da sociedade, na qual o indivíduo se torna mais móvel e individualista. Para o autor, a configuração dos projetos urbanísticos se assemelha ao ir e vir do sangue nas veias e artérias. Nesta lógica, a circulação de bens e dinheiro é mais lucrativa que a propriedade fixa e estável. Esses novos agentes sociais aprenderam novas tarefas, agora mais específicas e individualizadas. A consequência desse fato, para Sennett,<sup>49</sup> foi a diminuição da experiência sensorial. Portanto, a ideia é que quanto mais presa a pessoa a um local, maior sua capacidade de se apegar, de manter uma conexão, uma relação sentimental. Com a locomoção, o tráfego constante e acelerado nas cidades, as pessoas perderam a sensibilidade, e surgiram espaços neutros. Os espaços passam a ser, em sua maioria, lugar de passagem, à medida que aumenta a facilidade de ir e vir. Será que poderíamos considerar o espaço do botequim contemporâneo como um lugar de passagem? Vimos, nos capítulos anteriores, que o botequim tanto pode ser um local de venda de alimentos, quanto um espaço para a interação social. Acreditamos que os espaços mais tradicionais possam ser realmente espaços integradores, pois seus frequentadores costumam ser fiéis. Contudo essa ideia não exclui alguns botequins da condição de espaços efêmeros para frequentadores passageiros. Aqui nos reportamos aos bares “da moda”: são mais instáveis, não duram muito tempo.

---

<sup>46</sup> Aristóteles. In: SENNETT, Richard. *Carne e Pedra, o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008. p. 56.

<sup>47</sup> HARVEY, William. *De motu cordis*. In: SENNETT, 2008, p. 261.

<sup>48</sup> SMITH, Adam. In: SENNETT, 2008, p. 261.

<sup>49</sup> SENNETT, 2008, p. 262.

“A arquitetura, tanto a de interior como a de exterior, sofre influências que podem ser do urbanismo da cidade, da localização, por motivos econômicos, sociais e técnicos.”<sup>50</sup> Tal arquitetura interferirá na forma pela qual as pessoas vão interagir entre si e com que intensidade. Allen e Henn (2007)<sup>51</sup> afirmam que “a informalidade na comunicação é a que mais estimula a criatividade”. Essa informalidade pode ser observada principalmente na concepção do espaço do botequim vernacular – o berço de várias manifestações culturais, sendo uma delas o samba.

Porém, Adrian Forty, em seu livro *Words and Buildings: A Vocabulary of Modern Architecture*, questiona a dificuldade de relacionar as formas construídas com os seus agentes, pois é complicado o entendimento sobre quem influencia quem. Para o autor, “[...] problema tem sido como descrever tanto a ação do social sobre a forma do edifício, quanto à ação do edifício sobre a sociedade”.<sup>52</sup> No intuito de aprofundar e melhor analisar essa questão, recorreremos a Bill Hillier em *Space is the Machine*<sup>53</sup>, livro no qual é levantada a hipótese de que a relação ‘forma e função’ passa por todos os níveis do ambiente construído. Para o autor, a ideia de um determinismo espacial,

[...] nos cega para o mais importante fato sobre o ambiente construído: que o espaço não é um pano de fundo para o comportamento social – ele é *em si* comportamento social. Antes de ser experienciado pelo sujeito, ele é na sua própria espacialidade carregado de padrões que refletem a sua origem nos comportamentos que o criou.<sup>54</sup>

Os espaços construídos serão então uma estrutura de partes, composta de paredes e vazios que ocupamos. As relações e sequências desses espaços são fundamentais para a apropriação por seu agente social. Eles terão a função de direcionar o movimento das pessoas. Às vezes, de forma inconsciente ou através de um bom projeto, o espaço construído reproduz o modo de vida da sociedade. Ou seja, será determinado por vários fatores: movimento das pessoas, padrão de uso do espaço, distribuição das atividades e da densidade populacional da cidade.

<sup>50</sup> ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

<sup>51</sup> BATAGLIA, Érika. *A influência da arquitetura na interação das pessoas em ambientes de centros de pesquisa*. 2ª Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído.

<sup>52</sup> FORTY, Adrian. *Words and Buildings: A Vocabulary of Modern Architecture*. In: MORAES, Vinicius Netto. *O efeito da arquitetura: impactos sociais, econômicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão*. Livre tradução do autor.

<sup>53</sup> *Ibid.*

<sup>54</sup> *Ibid.*

Um exemplo da influência da arquitetura na vida das pessoas é encontrado no longa-metragem argentino, *Medianeras – Buenos Aires na era do amor virtual*, do diretor Gustavo Taretto. O filme conta a história de dois jovens que, apesar de vizinhos de prédios, vivem sem se conhecerem, regulados por uma série de desencontros, provocados, em parte, pelos espaços urbanos fragmentados em que se encontram. O diretor coloca como foco o tipo de construção em que os personagens moram, sem planejamento e sem janelas, e a forma pela qual a ausência destas últimas influencia o estado de espírito dos protagonistas. Como solução, são abertas janelas nas empenas dos prédios, daí o título do filme.

O espaço construído do botequim passará por todos esses caminhos simbólicos. Nos espaços vernaculares o proprietário vive do seu negócio, não tem por objetivo o enriquecimento. Logo, não terá dinheiro suficiente para acabamentos de luxo, assim sua clientela será da classe média e baixa. Trata-se de um jogo de espelhos, no qual o espaço atrai seu agente social específico, e ao mesmo tempo, este agente é atraído pela configuração do espaço. Podemos então observar que público e espaço devem se relacionar no mesmo nível. Esse recurso é usado pelos novos bares, cujo público-alvo está na classe mais alta, e cuja ambientação contém os elementos simbólicos do botequim fetichizado, os quais refletem uma espécie de alienação da classe social desses agentes. Como exemplo desse cenário, podemos citar os bares situados dentro dos *shoppings*, com ar-condicionado, estacionamento e segurança.

David Harvey em seu livro *Espaços de Esperança*<sup>55</sup> discute a importância dos espaços construídos na formação dos agentes sociais que neles interagirão. Para o autor, vários arquitetos e urbanistas modernos tentaram de maneira utópica refazer cidades, e o resultado foi uma padronização massificante e controladora. Essa visão de vigilância e controle como algo necessário para a segurança do indivíduo é vista por Sennett<sup>56</sup> como uma forma de opressão e degradação, pois só funciona porque está operando de maneira forjada. No mesmo livro Harvey cita Marin,<sup>57</sup> que classifica o exemplo da Disneylândia como uma “utopia degenerada”. Local supostamente feliz e harmonioso, no qual o mundo real permanece lá fora nos é oferecido um mundo utópico, capaz de nos trazer sentimentos nostálgicos por

---

<sup>55</sup> HARVEY, David. *Espaços de Esperança*, São Paulo, 4ª ed. Edições Loyola, 2004.

<sup>56</sup> SENNETT, 2008. In: HARVEY, David. *Espaços de Esperança*, p. 219.

<sup>57</sup> MARIN. In: HARVEY, 2004, p. 219.

algum passado idealizado. Hobsbawn e Ranger<sup>58</sup> nos falam das tradições inventadas. O termo tradição inventada refere-se a um conjunto de práticas que pode ser apresentado como sendo de natureza ritual ou simbólica., Através da repetição, essas práticas, inculcam valores e normas comportamentais que nos remetem a uma linha contínua de volta ao passado.

Dessa forma, podemos afirmar com alguma segurança que o botequim como hoje o conhecemos pode ser considerado uma *tradição inventada*, uma tradição ou um valor simbólico para atender à nossa sociedade, cada vez mais ávida de consumo. Pode-se dizer também que os novos botequins são ambientes que reproduzem um estilo de vida despojado, porém totalmente controlado, ou seja, seguro para quem o frequenta. São locais confortáveis, em que normalmente a comida é de boa qualidade, e o ambiente apresenta certa indicação da distinção social em relação aos já proclamados vernaculares. Alguns até possuem estacionamento. Portanto, sua frequência é de uma camada social considerada mais privilegiada do que aquela dos botequins vernaculares, além de contar com presença maior de mulheres. Toda a ambiência é projetada para que o indivíduo que o frequenta se sinta pertencente a este estilo de vida, porém distante dos perigos e incertezas que cercam os botequins vernaculares – não por acaso, os novos botequins são chamados de "pés-limpos", e os outros de "pés-sujos".

---

<sup>58</sup> HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*, 1984.

## 4.2 Os artefatos como valores de pertencimento.

*Quem conhece o solo e o subsolo da vida sabe muito bem que um trecho de muro, um banco, um tapete, um guarda-chuva são ricos de ideias ou de sentimentos, quando nós também o somos, e que as reflexões de parceria entre os homens e as coisas compõem um dos mais interessantes fenômenos da terra.*

Machado de Assis<sup>59</sup>

O botequim, seus frequentadores, seus objetos e sua construção arquitetônica são uma forma de representação da sociedade carioca. Seja ele vernacular, erudito ou todas as outras variáveis representará um aspecto social. Os gregos e os romanos utilizavam a arquitetura e a escultura para comunicar algo. Ambas eram a continuidade da cidade, a durabilidade e a imutabilidade da sua essência.<sup>60</sup> Para entender como uma sociedade funciona, devemos saber quais são as regras que a governam. Quais são os padrões comportamentais envolvidos na rotina de seus agentes. De imediato temos a nossa experiência diária, com quem convivemos, e as regras que seguimos.

Esse conhecimento, porém, é limitado, pois só aborda uma situação em particular. Existem outras fora do círculo de convívio, referentes a outras épocas, outras circunstâncias ou outros estilos de vida. Howard Becker<sup>61</sup> faz a seguinte definição: “Para simplificar, uma “representação” da sociedade é algo que alguém nos conta sobre algum aspecto da vida social”. Este “contar” mencionado pelo autor não necessariamente se faz através de palavras. Tal como a metáfora que empregamos mais acima sobre o filme argentino "Medianeras", para Becker, filmes, livros, mapas, fotografias são também representações de uma época.

Aqui neste estudo os botequins são analisados como forma de representação da sociedade carioca, ressaltando-se o fato de que existem dificuldades metodológicas. Existe por parte de quem pesquisa a tendência de trilhar caminhos conhecidos, predeterminados por suas convicções. Além disso, os espaços analisados foram produzidos por uma sociedade que pode não ser mais a do

<sup>59</sup> ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*, Disponível em: <<http://WWW.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 05 nov. 2012, capítulo CXLII, p. 103.

<sup>60</sup> SENNETT, Richard, 2008, p. 96.

<sup>61</sup> BECKER, Howard. *Falando da Sociedade: Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2009. p. 18.

pesquisador. Ou seja, são dotados de uma realidade própria. Suas regras de codificações e seus simbolismos devem ser analisados dentro dos devidos contextos.

Esclarecendo melhor, o espaço representado em uma imagem não necessariamente corresponde à realidade retratada. A imagem vai sofrer a influência de quem a encomendou e o ponto de vista de quem a fez. O entendimento contemporâneo da representação pode não corresponder à época estudada. Assim, pode-se concluir que um pesquisador não pode fazer suas análises fora do tempo e do espaço. A análise tem de conter um contexto social e cultural. Será a sociedade que dará aos espaços seus valores, suas definições e significações. Enfim, gostaríamos que o leitor ficasse advertido de que nossa interpretação é apenas uma interpretação, e não a verdade do nosso objeto de estudo. Por mais que nos esforcemos, estamos conscientes de que vamos tangenciar nosso objeto.

Deve-se lembrar que, independentemente de o espaço do botequim analisado ser vernacular ou seu simulacro, invariavelmente os objetos e seus revestimentos arquitetônicos serão os mesmos. O que muda é a maneira pela qual ele está sendo utilizado, e sua representação simbólica. Se no primeiro caso o botequim tem a característica de representar o comportamento social de uma classe mais oprimida, no segundo caso esta ambientação é apenas forjada, embora não deixe de representar o agente social que o frequenta, normalmente de classe social mais privilegiada.

Dessa forma, quando analisamos o espaço do botequim verificamos que suas paredes na maioria das vezes são revestidas de azulejos, pinturas, anúncios de cerveja, fotos de familiares ou clientes, prateleiras com garrafas de cachaça, e cartazes com as ofertas do prato do dia. O espaço vernacular possuirá estes elementos de uma maneira primária, ou seja, por vezes não se sabe exatamente o porquê de colocar azulejos como revestimento. O dono do espaço híbrido (visto nesta dissertação no capítulo 3.3), quando faz a reforma, pensa que esta trará retorno financeiro. Fato que nem sempre ocorre, pois com as mudanças pode vir a perder o seu público. Este poderá se sentir deslocado, como se não pertencesse ao novo espaço. Já quem faz o espaço com a intenção de ser uma simulação ou um simulacro do botequim tem plena noção de que, ao colocar o azulejo na parede,

estará imitando o espaço vernacular. A foto abaixo ilustra os revestimentos típicos que simbolizam o botequim.



Figura 6: Bar Pavão Azul, Copacabana, Rio de Janeiro. Clichê: Claudia Amaral.

Todavia, a tarefa de explicar historicamente o uso desses elementos construtivos é difícil. Pode-se especular, por exemplo, que a utilização de azulejos nas paredes deve-se ao fato de inicialmente seus donos serem de origem portuguesa. Em Portugal, usaram-se painéis em cafés e restaurantes, desde finais do século XIX até aos dias de hoje, o que justifica a influência nos botequins do Rio de Janeiro.<sup>62</sup> Sabemos também que essas tradições, no caso de espaços comerciais abertos ao público, têm uma dimensão funcionalista, e esta noção pode ser identificada tendo por base o higienismo moderno: colocavam-se ladrilhos hidráulicos no chão e azulejos nas paredes.

Os objetos podem identificar grupos sociais e culturais. Servem de suporte material, ajudando a dar significado ao local e aos agentes sociais que frequentam

<sup>62</sup> Museu Nacional do Azulejo, Rua Madre de Deus, 4, 1900-312 Lisboa, Portugal. Em conversa por e-mail: [mnazulejo@imc-ip.pt](mailto:mnazulejo@imc-ip.pt), 19 set. 2012. Ver anexo.

esses espaços. Os objetos, sua configuração, as funções que exercem no espaço ambientado, a relação que mantêm com outros objetos, vão refletir a identidade de seus donos. O objeto pode ser um meio de comunicação. Luiz Antonio Coelho<sup>63</sup> afirma: “Assim, criamos nosso ambiente físico, como um espaço onde nos sentimos bem porque nos representa em dois níveis, como reflexo e como indutor, para nós mesmos e para o social”. O objeto então não será um signo apenas, também possuirá atributos que serão passados para os seus possuidores. Quando um indivíduo ostenta determinado objeto está querendo afirmar que pertence a determinado grupo social. Será esse grupo social, através do apreço dedicado ao objeto, que vai conferir a este último o valor simbólico. “É o social que legitima o valor simbólico do objeto”.<sup>64</sup>.

Segundo A. Moldes<sup>65</sup>, os objetos têm uma complexidade que pode ser dividida em dois níveis: a complexidade funcional e a estrutural. A complexidade funcional é ligada ao repertório de funções que podem ser combinadas ao seu uso. Ou seja, o objeto terá o uso relacionado com sua serventia, as possibilidades que pode oferecer, e como será utilizado. Já a complexidade estrutural está relacionada com a complexidade de seu repertório de peças elementares ou de informações. Pois a informação é a forma pela qual ele se comunica com outros objetos. Assim, o objeto também se comunica com quem vai usá-lo, como poderá servir às pessoas. Portanto, quanto mais estruturalmente complexo é o objeto, mais eficaz este será, pois sua resposta será mais rapidamente decodificada.

Para melhor exemplificar a materialidade dos espaços construídos e seus artefatos, vamos usar como exemplo o “artista dos botequins”, Nilton Bravo. Pelos trabalhos expostos nos botequins cariocas, o artista ganhou um curioso e irônico apelido, cunhado pelo escritor e cronista das cenas cariocas Carlos Heitor Cony: “Michelangelo dos botequins”. Bravo começou a pintar painéis e murais em bares e residências, levado pelo seu pai, do qual havia recebido de herança o gosto pela pintura. Como curiosidade também conta-se a anedota de que o pai, canhoto, começava a pintura de um lado, e o filho, destro, partia do outro, e assim terminavam a obra juntos. Nilton pintou as paredes da maioria dos botequins da

---

<sup>63</sup> COELHO, L. A L. Tal objeto, tal dono. *In*: MOITA LOPES, L. P. da; BASTOS, L. C. (Orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002b. p.73.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 74.

<sup>65</sup> SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 69.

cidade do Rio de Janeiro. Em reportagem da revista O Globo,<sup>66</sup> é possível constatar a valorização atualmente conferida ao artista; a matéria faz também referência aos dois painéis presentes no Bar Sulista, citados como bens tombados pelo Patrimônio Municipal.

O reconhecimento como pintor de botequins é tanto, que quando os donos do bar Pirajá, em São Paulo, resolveram emprestar uma aura carioca ao seu novo bar, encomendaram a Nilton um painel com as imagens do Cristo, do Pão de açúcar e da enseada de Botafogo. Esse fato representa um duplo simbolismo: primeiro, o artista pelo trabalho realizado, por sua fama de pintor de botequins, e segundo, mais óbvio as imagens retratadas. Legitimou-se assim o bar Pirajá como detentor da “carioquice” desejada.



Figura 7 – Bar Pirajá, Av. Brigadeiro Faria Lima, 64, Pinheiros, São Paulo. Painel: Nilton Bravo. Clichê: Claudia Amaral.

De volta aos artefatos que compõem a atmosfera do botequim, além dos painéis pintados por Nilton Bravo, teremos o chão de cerâmica e as paredes

<sup>66</sup> Revista O Globo, encarte de domingo do jornal O Globo do dia 19 de agosto de 2012.

revestidas com azulejos colocados em diagonal ou quadriculados nas cores azul e branca. Quase sempre cobrem meia parede; a continuação desta leva pintura e poderá expor cartazes com propagandas ou fotos dos frequentadores ilustres. Esses objetos e alguns outros farão parte do conjunto simbólico que representa a tradição do botequim, pelo menos no que se refere à sua materialidade. Contudo, arriscamos dizer que esse conjunto de artefatos pode fazer parte de uma tradição inventada. Como vimos anteriormente, os botequins tiveram seu surgimento ligado às classes mais pobres, e não era a composição do espaço que os transformava em botequins, e sim os seus agentes sociais. Ou seja, os frequentadores não iam a um bar pelo seu conjunto construído. Já na contemporaneidade, essa composição material ajudará a caracterizar o que se chama de botequim. Veja a figura logo abaixo: trata-se de um botequim de São Luís no Maranhão, que apresenta o quadriculado em azul e branco, como o imaginário popular idealiza um bar “legítimo”.

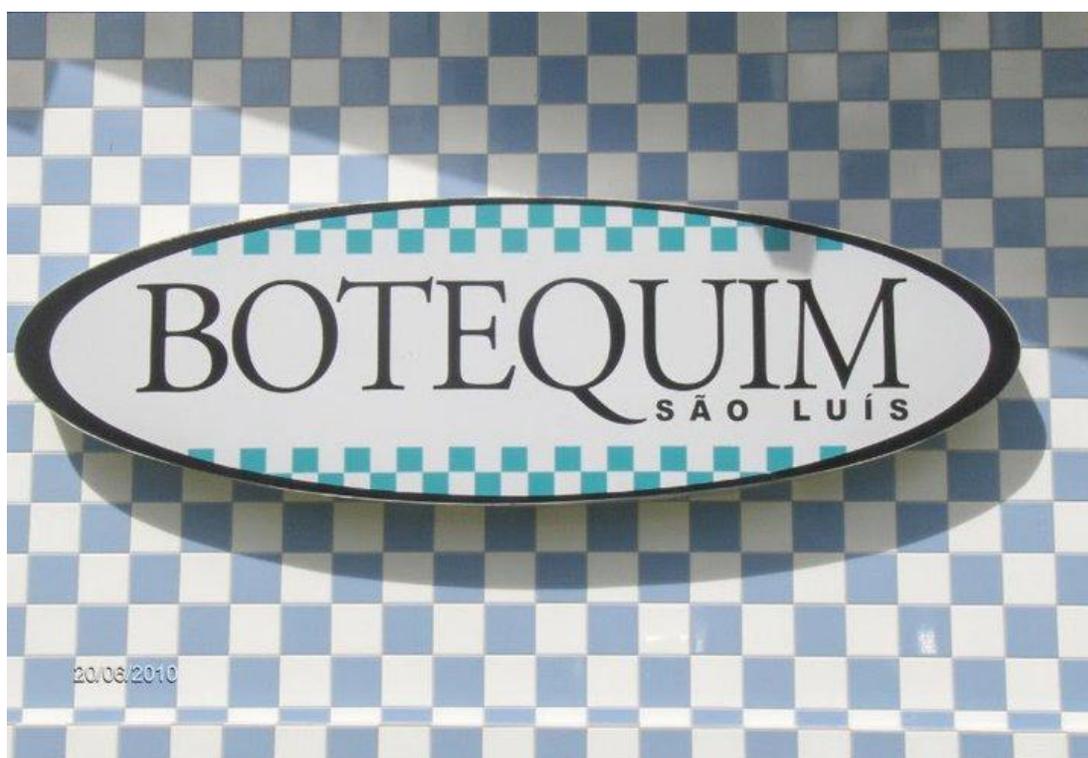


Figura 8: Logo Botequim São Luís, Lagoa do Jansen, São Luís, Maranhão. Disponível em: <<https://www.facebook.com/botequim.saoluis>> Acesso em: 07 nov. 2012.

Roland Barthes<sup>67</sup> chamou a atenção para o “repertório de imagens” que as pessoas guardam. Para o autor, as pessoas as “usam quando se vêem diante de estranhos”. Em ambientes ou situações complexas ou não familiares, o sujeito tende a analisar a situação de acordo com o seu repertório de vivências, por vezes baseadas em estereótipos sociais. Barthes afirma que “*o julgamento é instantâneo e o resultado surpreendente*”. A partir do reconhecimento dos objetos na paisagem e nos espaços, podemos identificar o local em que estamos. Pois existirá a relação do objeto com o lugar a que ele pertence. Kevin Lynch<sup>68</sup> fez uma análise em relação aos espaços geográficos. Para o autor, as pessoas quando se deparam com lugares novos imprimem o que conhecem através de suas memórias. Quanto menos coisas em comum encontram, mais indiferentes ao espaço ficam. Essa linha de pensamento esclarece o porquê de nos espaços simulacros de botequim os objetos serem inseridos no ambiente de acordo com a memória, mesmo que esta não seja real, mas a existente no pensamento coletivo dos seus agentes sociais. Lynch continua sua teoria afirmando que “[...] a velocidade do automóvel estimula o recurso aos símbolos e aos julgamentos liminares”.<sup>69</sup> Os espaços fragmentados, ou seja, divididos em lojas, casas e escritórios, favorecem a percepção e a avaliação rápida daqueles que não pertencem ao lugar.

### 4.3

#### O botequim como espaço de representação social.

*Mesa de bar é lugar para tudo que é papo da vida rolar  
Do futebol, até a danada da tal da inflação,  
É coração, fantasia, e realidade,  
É o ideal paraíso  
adonde nós fica a vontade,  
[...]<sup>70</sup>  
Gonzaga Jr.*

As primeiras casas de café da Europa surgiram na Inglaterra<sup>71</sup>, no século XVIII; algumas foram construídas para esta finalidade. Porém outras eram espaços

<sup>67</sup> BARTHES, Roland. *In*: SENNETT, Richard, 2008, p. 367.

<sup>68</sup> LYNCH, Kevin *In*: SENNETT, Richard, p. 368.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 368.

<sup>70</sup> Mesa de bar, Gonzaga Junior. Letra completa ver anexo.

<sup>71</sup> *In*: SENNETT, Richard., *op. cit.*, p. 343.

criados nas estações de trem. A companhia de seguros Lloyd's começou como uma cafeteria. Eram nestes espaços entre as xícaras de café que as conversas aconteciam e com elas as interações sociais. Em seu livro *Carne e Pedra*, Sennett<sup>72</sup> revela que, apesar de os frequentadores pertencerem a diferentes grupos sociais, o importante para eles eram as informações. Estas, sim, tinham relevância, e só podiam ser obtidas através do diálogo, pois a palavra ainda era mais confiável do que o texto. Na França ocorria igual cenário: os cafés eram pontos de encontro e conversas. No início do século XIX, o espaço das calçadas foi captado pelos cafés, introduzindo novos hábitos. Além de conspirarem, os clientes agora observavam a paisagem urbana. Assim, Sennett vai descrevendo as interações que ocorrem entre espaço e agente. Os valores estabelecidos pela seleção das bebidas como forma de separar os frequentadores por classes sociais, ou pela escolha de garçons mais velhos para servir ao público que não tem pressa. Os espaços também são planejados para os diferentes públicos: balcão para servir quem quer conversar livremente, ou mesas para beber mais reservadamente. O autor fará a análise da configuração dos vagões norte-americanos como prova da importância da formatação do espaço e seus agentes. As cabines dos vagões ferroviários europeus do século XIX comportavam de seis a oito pessoas, sentadas uma em frente à outra, o que tanto podia promover a conversação, quanto acarretar o incômodo do silêncio. Com novos vagões mais confortáveis, o silêncio embaraçoso foi contornado, favorecendo a leitura, e trazendo assim a privacidade para as viagens. A nova concepção dos espaços dos vagões, trará de vez a individualidade ao indivíduo. O sociólogo George Simmel<sup>73</sup> analisa o fato de que antes do transporte de massa as pessoas raramente se sentavam uma ao lado da outra, durante um longo período de tempo, sem conversar. Para o autor, esse comportamento vai se repetir nos cafés e nos *pubs*. As observações feitas por Sennett mostram a historicidade comportamental dos agentes sociais com um dos seus espaços de interação, os cafés – no caso aqui estudado serão os botequins. Logo de início, quando analisada a historicidade dos botequins na cidade do Rio de Janeiro, foi entendido que estes eram, em sua maioria, espaços de interação de uma camada mais pobre da população. O local em que esses agentes podiam afirmar seu pertencimento a um

---

<sup>72</sup> SIMMEL, George. In.: SENNETT, Richard, *ibid*, p. 344.

<sup>73</sup> SENNETT, Richard, *ibid*, p. 343.

grupo social ou a uma unidade. O botequim era a representação da identidade desses agentes sociais.

Contudo, para apresentar a dimensão ontológica de “ser botequim” não é imperativo que o estabelecimento se situe em um espaço delimitado ou contenha os códigos simbólicos correspondentes. O agente pode, através das práticas sociais, transformar o espaço em um “botequim”. Para ampliarmos a ideia, o conceito de espaço qualquer será introduzido pelo geógrafo Milton Santos<sup>74</sup>, segundo o qual a ênfase que se coloca no espaço não corresponde à mera delimitação, mas às dimensões simbólicas de ordem econômica, social, política e cultural. A natureza do espaço encontra-se, assim, formada “[...] pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade”.<sup>75</sup> Ou seja, para o autor, o espaço é visto como resultado da interação entre sistema de objetos e sistema de ações, ambos indissociáveis. Portanto, a ação humana vai dar função aos objetos: o que era paisagem torna-se natureza humanizada. Espaço garantido pelas relações sociais.

Milton Santos também discorre sobre a ideia de “[...] a geografia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos”.<sup>76</sup> Nesse conjunto, os elementos fixos seriam os fixados em cada lugar onde os fluxos têm permissão para modificá-los. Recriam-se, assim, novas condições de ambientes e de sociedade. Ou seja, redefine-se o local. Os fluxos podem ser definidos como ações diretas ou indiretas dos agentes sociais nos elementos fixos. E o espaço geográfico será o resultado dessa interação. Na atualidade podemos observar que os fixos são cada vez mais artificiais, e os fluxos cada vez mais rápidos e numerosos. Em outras palavras, teremos mais ambientes construídos do que espaços naturais, e estes sofrerão rápida transformação da atual sociedade pós-moderna, cujo “apelido” é *sociedade líquida*<sup>77</sup>, dada a fluidez dos seus atos e conceitos.

Outra linha de pensamento para definir o que pode ser “espaço” vai trabalhar com duas ideias; de um lado, a configuração territorial, e de outro, as relações sociais. Entende-se por configuração territorial o conjunto formado por sistemas

<sup>74</sup> SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 106.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 61.

<sup>77</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

naturais existentes em determinada área e acréscimos artificiais colocados pela humanidade. Espaço então será esta materialidade representada pela configuração territorial somada aos agentes sociais que o animam. Milton Santos vai mais além, na definição de espaço: “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.<sup>78</sup>.

Objetos isolados são apenas matéria, não dizem a que vieram. Apenas quando conhecemos o sistema de ação social do qual fazem parte, podemos entendê-los. Assim, concluímos que os sistemas de objetos e os sistemas de ações interagem. Os sistemas de objetos conduzem a maneira pela qual a ação será realizada, e o sistema de ação atua na criação de novos objetos ou sobre os pré-existentes.

Roberto DaMatta, em seu livro *A casa e a Rua*<sup>79</sup> ressalta que, apesar das mudanças ocorridas na sociedade moderna, uma festa de aniversário, para ser entendida como tal, precisa conter todos os seus códigos simbólicos, tais como: bolo com vela, roupas bem cuidadas, comidas e doces. Talvez com o botequim ocorra algo semelhante; porém, como foi mostrado anteriormente, o agente social pode fazer a demarcação do espaço, sem necessariamente deter a materialização da ambientação. Esta espacialização será feita pelas práticas sociais das comunidades ou dos grupos sociais. Todavia, quem é ou como se caracteriza esse indivíduo pós-moderno? Hall<sup>80</sup> vai nos ajudar ao observar que surgiu nova forma de “individualismo”. Não que nos tempos pré-modernos não existisse a individualidade, mas esta era conceitualizada e vivida de maneira diferente. Em outras palavras, as pessoas estavam amarradas às tradições, não havia grandes variações de *status*. Este sujeito estável na modernidade tardia está fragmentado, composto não de uma, mais de muitas identidades. O sujeito pós-moderno terá uma identidade móvel, a ser transformada conforme os sistemas sociais que o rodeiam. Assim, cada vez que se multiplicam, esses sistemas geram uma variedade enorme de sujeitos possíveis, que podem ser identificados, pelo menos temporariamente, por

---

<sup>78</sup> SANTOS, 2006, p. 63.

<sup>79</sup> DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 39.

<sup>80</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2011.

cada um de nós. Vai ser difícil identificar um público-alvo para o espaço construído. O sujeito que vai frequentar o botequim, na pós-modernidade, poderá ser de diferentes classes sociais, gêneros e idades.